

A UNIVERSIDADE E O DESENVOLVIMENTO REGIONAL: O CASO DA UFVJM¹

Aline Duarte Dantas Magalhães Graduada em Administração pela Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM.

Juliana Borges Martins Professora Assistente II da FACSAB/ UFVJM.

Hilton Manoel Dias Ribeiro Doutorando em Economia Aplicada pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Coordenador de Projetos pela Secretaria de Estado de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior – SECTES/MG.

Fernanda A. G. Honorato da Silva Graduada em Administração pela UFVJM.

RESUMO

A base do desenvolvimento regional não está ancorada apenas nas questões econômicas, mas também em aspectos sociais, históricos e institucionais. Assim, o papel de uma universidade é determinante na medida em que as relações estabelecidas entre os agentes (universidades, empresas, sociedade civil, etc), promovem o desenvolvimento. Dessa forma, esta pesquisa teve como objetivo identificar a contribuição da UFVJM na região, através de projetos de extensão selecionados, qualificando o grau de integração entre esta e a comunidade. Como resultado notou-se que a Universidade tem sido um elo importante para a formação de uma rede favorável àquela integração para o desenvolvimento regional.

Palavras-chave: Universidade, Capital Social, Desenvolvimento Regional.

ABSTRACT

The basis of regional development is not only anchored on economic issues, but also in social, historical and institutional. Thus, the role of a university is crucial in that the relations between the actors (universities, business, civil society, etc.), promote development. Thus, this study aimed to identify the contribution of UFVJM in the region, through extension projects selected, describing the degree of integration between this and the community. As a result it was noted that the University has been an important link to the formation of a network integration favorable to that for regional development.

Key-words: University, Social Capital, Regional Development.

Área Temática: Economia Mineira.

¹ Os autores agradecem à Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais – FAPEMIG, pelo apoio à Pesquisa de Iniciação Científica da UFVJM, a qual foi a base desse artigo.

1. INTRODUÇÃO

O debate sobre desenvolvimento regional contempla aspectos importantes da teoria da localização, desenvolvida por pesquisadores como Von Thünen, Weber, Christaller e Lösch; discute também as questões relacionadas à teoria da base econômica regional; incorpora ainda a discussão das desigualdades regionais e mobilidade espacial dos fatores; e também, não menos importante, trata da estrutura regional e da dinâmica interna da região em que questões como indústria motriz, polarização e desenvolvimento local endógeno tornaram-se importantes referências para o entendimento das disparidades regionais.

Especificamente sobre a teoria regional endógena, um grande avanço foi considerar a importância da sociedade e das relações sociais no processo de desenvolvimento da região. Além disso, muitos autores dessa linha já consideram que as relações sociais e as formas locais de integração são determinantes no processo de transformação socioeconômica das regiões. A noção de espaço e região é aqui incorporada quando se discute o papel de uma instituição de ensino e pesquisa, neste caso a Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM² - na região em que se insere.

O grau de interação entre universidade e demais segmentos remete a uma interpretação sobre o capital social desenvolvido nesse espaço, envolvendo uma determinada base institucional. Então, torna-se importante analisar a interação da Universidade com outras instituições como empresas, governo local e sociedade civil, por exemplo; indo ao encontro das teorias de desenvolvimento local endógeno em que se reforça a importância da organização das comunidades locais em torno do objetivo do desenvolvimento econômico sendo que estes atores locais têm papel de estimular as inovações (entendidas aqui sob todas as formas), reduzir custos de produção, e estimular a atuação nos mercados.

Sendo assim, este trabalho tem como objetivo analisar o papel da UFVJM, por meio de seus projetos de extensão, sob o enfoque da formação de *capital social*, entendendo esta análise como uma compreensão das redes que se formam quando da interação entre universidade e outros atores locais. Seguindo a linha de pensamento de Etzkowitz (2005), a base estratégica do desenvolvimento social e econômico dos países desenvolvidos ou em desenvolvimento é a interação universidade-empresa-governo, denominada como o modelo da *Tríplice-Hélice*.

Nos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, a universidade deve desempenhar um papel atuante na realidade social em que está inserida, visto que esta região apresenta os piores indicadores socioeconômicos do estado. No entanto, em cinco anos de atuação, ainda pouco se sabe sobre a “força” desta universidade no contexto regional: quais são as principais demandas da região em que a UFVJM está inserida e, dessa forma, poderia contribuir com o atendimento das mesmas? Que parcerias a UFVJM possui? Quais linhas de projetos desenvolve? As parcerias institucionalizadas pela universidade focam a melhoria de grupos regionais? O conhecimento destas relações institucionais pode direcionar a UFVJM na estruturação do seu planejamento estratégico, criando políticas institucionais mais específicas à realidade de sua comunidade? Enfim, a UFVJM já desempenha papel de destaque no desenvolvimento regional?

Diante destas questões, este trabalho revela-se importante, uma vez que objetiva qualificar essas relações para serem utilizadas enquanto “inputs” do desenvolvimento e perpetuação dessa instituição em sua região de atuação. Acredita-se que este estudo será de grande contribuição para o setor de extensão da universidade, servindo como banco de dados para próximos projetos, além de poder ajudar no processo de avaliação estratégica, modelando novas diretrizes e metas para melhorar sua integração com outros agentes da sociedade.

²A Faculdade Federal de Odontologia de Diamantina foi fundada em 30 de setembro de 1953 por Juscelino Kubitschek. A partir de 06 de setembro de 2005, passou ao status de UFVJM, tendo campi nas cidades de Diamantina e Teófilo Otoni, no estado de Minas Gerais. Atualmente é constituída por três campi, sendo o Campus I e o Campus JK localizados na cidade de Diamantina, abrigando seis faculdades e 23 cursos de graduação; e o Campus Avançado do Mucuri, localizado na cidade de Teófilo Otoni (MG), que abriga três faculdades com nove cursos de graduação.

2. A UNIVERSIDADE E O DESENVOLVIMENTO REGIONAL

A base do desenvolvimento regional não está somente no contexto econômico, mas também no contexto sociocultural, em que são fundamentais os valores e as instituições criadas pela sociedade. Dessa forma, entende-se que tanto o crescimento como o desenvolvimento econômico dependem de fontes como as economias externas, a educação, o capital humano e o capital social (VALENTIM, 2003).

Nesse sentido, as Instituições de Ensino Superior – IES – são atores fundamentais para o desenvolvimento local/regional. Para Carvalho (2008), as universidades devem fornecer uma formação crítica, criativa e emancipatória em que forme cidadãos conscientes de seu papel na sociedade, seus deveres e seus direitos, que interfira no desenvolvimento socioeconômico de sua região almejando o progresso social, além de serem capazes de inovar e acompanhar as necessidades locais.

Segundo Goebel e Miura (2004), a universidade deve deixar de se isolar no desenvolvimento de seus projetos educacionais e pesquisa, e passar a interagir e criar vínculos com as questões socioeconômicas do contexto que faz parte, através de mecanismos que facilitem a relação e a cooperação entre a universidade, o meio empresarial e a sociedade, podendo ser feito através de laboratórios, consultorias, assessorias, planejamento e desenvolvimento, extensões entre outras atividades.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394) prevê em seu artigo 43 que a educação superior tem por finalidade:

- I - estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo;
- II - formar diplomados nas diferentes áreas de conhecimento, aptos para a inserção em setores profissionais e para a participação no desenvolvimento da sociedade brasileira, e colaborar na sua formação contínua;
- III - incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica, visando o desenvolvimento da ciência e da tecnologia e da criação e difusão da cultura, e, desse modo, desenvolver o entendimento do homem e do meio em que vive;
- IV - promover a divulgação de conhecimentos culturais, científicos e técnicos que constituem patrimônio da humanidade e comunicar o saber através do ensino, de publicações ou de outras formas de comunicação;
- V - suscitar o desejo permanente de aperfeiçoamento cultural e profissional e possibilitar a correspondente concretização, integrando os conhecimentos que vão sendo adquiridos numa estrutura intelectual sistematizadora do conhecimento de cada geração;
- VI - estimular o conhecimento dos problemas do mundo presente, em particular os nacionais e regionais, prestar serviços especializados à comunidade e estabelecer com esta uma relação de reciprocidade;
- VII - promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição (LBDEN, 1996, art.43).

Para Tartaruga (2010), ao discutir o papel da universidade no desenvolvimento territorial do Rio Grande do Sul, assume que esse tipo de instituição tem atribuições específicas, tanto do ponto de vista do ensino, formando mão de obra qualificada, quanto da pesquisa, gerando novos conhecimentos que podem colaborar com as atividades produtivas. Além disso, Chatterton e Goddard, citados pelo mesmo autor, defendem um “terceiro papel”, que seria a priorização do conhecimento e o posterior enfrentamento das necessidades da região. O principal desafio posto é justamente o estabelecimento de conexões entre ensino, pesquisa e estas necessidades, na direção da formação de uma região de aprendizagem (*learningregion*).

Especificamente sobre o atendimento às necessidades regionais (trabalho de extensão, por exemplo) tem-se que este compreende iniciativas individuais de professores, como entrevistas, aconselhamento de governos, estudos tecnológicos e análises sócio-econômicas. Estes últimos autores propõem que para melhor compreensão do papel das universidades no desenvolvimento

territorial seja feito um mapeamento das conexões entre este atendimento, o ensino e a pesquisa, com foco no progresso social e econômico da região em que se insere.

Apesar do importante papel da universidade como promotora do desenvolvimento, não se pode considerá-la como panaceia para todos os obstáculos aos processos de inovação tecnológica; há outros atores necessários, como governo, empresas e sociedade civil. Para Tartaruga (2010), as características e espaços interessantes que a universidade pode possuir para a promoção do desenvolvimento compreendem estudantes em processo de qualificação, detentores do conhecimento da realidade local e regional e suas necessidades; professores preocupados com o aumento e com a difusão do conhecimento científico e com as necessidades regionais; incubadoras de empresas; parques tecnológicos; e, finalmente, um amplo rol de serviços à comunidade (extensão).

Dessa forma, como apresentado por Caravaca *et al.* (2005, apud Tartaruga, 2010), o desenvolvimento territorial fundamenta-se em três fatores essenciais:

- Dinâmicas de aprendizagem associadas aos esforços de inovação;
- Conjunto de recursos existentes em cada território: patrimônios natural e cultural, capital humano, identidade cultural, etc.; e
- Dinâmicas de interação institucional (redes): no sentido da promoção de redes de cooperação.

É sob este último ponto que se concentra o presente trabalho. Para Pena Junior *et al.* (2005), a ideia de desenvolvimento local baseia-se hoje no pressuposto de que as localidades dispõem de recursos econômicos, humanos, institucionais, ambientais e culturais, além de economias de escalas não exploradas, que constituem seu potencial de desenvolvimento. Holttta (2000, apud Fernandes, 2010) aborda esta questão de forma clara, ao colocar a universidade enquanto ator institucional em redes, em que se fortalecem redes formais e informais.

3. A LÓGICA INSTITUCIONAL E O PAPEL DO CAPITAL SOCIAL

A questão fundamental exposta aqui é como a universidade e, conseqüentemente o ambiente institucional formado com a presença desta, podem contribuir com o desenvolvimento de uma região, mesmo que isto possa acontecer lenta ou rapidamente, respeitando cada contexto, cada rede de cooperação, cada elo de integração e a eficiência dessa interação entre diferentes segmentos da sociedade.

Pelo modelo da Hélice Tríplice, citado em Silva *et al.* (2006), o enfoque é justamente os projetos de desenvolvimento que visam, a partir da interação dos atores: a) produzir conhecimento socialmente relevante nas universidades e repassá-lo a sociedade; b) gerar inovação tecnológica nas empresas e c) estimular a participação do governo em projetos de inovação. Os atores deste modelo (universidade-empresa-governo) protagonizam ações cívicas, educacionais e de desenvolvimento, em que a universidade tem a função de formar agentes que multipliquem as atitudes inovadoras e mudanças, o governo fomenta essas ações através da criação de políticas públicas e que as empresas se tornem parceiras dos outros dois atores nas ações para o desenvolvimento.

Vale destacar que esse ambiente institucional que surge da interação dos diversos atores sociais tem reflexo sobre os diferentes graus de desenvolvimento das regiões e, mais do que isso, não se pode pensar apenas na instalação de uma universidade ou simplesmente a instalação de uma empresa isolada, deve-se pensar que a forma como os atores interagem, formando uma rede de cooperação, fortalece o surgimento de um ambiente favorável à instalação de novos negócios, de um governo eficiente e eficaz, e de uma universidade sintonizada com as questões locais. Para Bueno (2004) as instituições que garantem o crescimento econômico e promovem a cooperação não surgem espontaneamente, sendo impossível copiar o modelo de instituições eficientes de economias desenvolvidas. O desenvolvimento de instituições que levam a um comportamento cooperativo acontece de forma cumulativa, se tornando mais fácil alcançar soluções cooperativas complexas,

quando há uma relação de confiança em situações de menor risco, a esse acúmulo de soluções cooperativas chama-se capital social.

Neste trabalho seguiu-se o conceito apresentado por Putnam (2006, p.177) que afirma que capital social “diz respeito às características da organização social como confiança, normas e sistemas que contribuam para aumentar a eficiência da sociedade, facilitando as ações coordenadas”. Já Milani (2003, p.27) conceitua capital social como “o somatório de recursos inscritos nos modos de organização cultural e política da vida social de uma população”, sendo um bem comum com objetivo de garantir o cumprimento de normas e o compromisso cívico.

Putnam (2006) define como características-chave para o desenvolvimento de capital social a confiança, normas e relações sociais. No que se refere ao elemento informação, o Banco Mundial (2003) ressalta que o acesso à informação tem se tornado uma ajuda fundamental às comunidades empobrecidas a participar ativamente de assuntos referentes a seu bem estar. A coesão e inclusão social refletem a natureza e o tamanho das diferenças existentes nas comunidades assim como os mecanismos para gerenciá-las. Por fim, a autoridade e ação política são elementos que provam os controles dos indivíduos sobre as instituições e processos que afetam diretamente o seu bem estar. Segundo Baquero (2003, p.94), “às atitudes e normas propostas pela teoria de cultura política acrescenta-se uma dimensão avaliativa de como fazê-las, de maneira eficiente: é nisso que se constitui o capital social”.

Posto isto, pensando nas redes institucionais que favorecem o desenvolvimento local, entendidas aqui também como dado nível de capital social, Pena Junior *et al.* (2005) apresenta condições-base para este processo de desenvolvimento. São eles:

- Cooperação: organização de uma rede de entidades com interesses semelhantes e que realize uma sinergia de forças;
- Colaboração: pré-condicionamento de cada entidade da rede em fomentar a atividade de cada uma das outras, através dos meios que lhe são disponíveis;
- Coordenação: constituição de um conselho diretivo do programa que deve estar constantemente balizando os rumos da rede de acordo com os objetivos traçados e, em consequência, de cada uma das entidades envolvidas para que se mantenha o foco traçado (AZEREDO, 2004; RUFINO, 2003; FRANCO, 1999; KISIL, 1997; CARDOSO, 2002 APUD PENA JUNIOR ET AL. 2005).

4. METODOLOGIA

O método de análise empregado tem um caráter essencialmente qualitativo. Para Demo (2000, p.152) “a pesquisa qualitativa quer fazer jus à complexidade da realidade, curvando-se diante dela, não o contrário, como ocorre com a ditadura do método ou a demissão teórica que imagina dados evidentes”. Além disso, o estudo qualitativo, segundo Menga (1986, p.18 apud Marconi e Lakatos, 2007, p.271) “é o que se desenvolve numa situação natural, é rico em dados descritivos, tem um plano aberto e flexível e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada”.

Tendo em vista os objetivos do trabalho, será realizada uma pesquisa descritiva e interpretativa, buscando identificar as características tanto das relações institucionais desenvolvidas, quanto dos projetos institucionalizados pela Universidade. “A pesquisa descritiva tem como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno, ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis” (GIL, 1988, p.46 APUD BERTUCCI, 2008, p.50).

As relações institucionais firmadas com a UFVJM serão mapeadas, porém só serão analisados com os seguintes filtros:

- Primeiro filtro: projetos que envolvam a região dos vales;
- Segundo filtro: projetos que afetem uma realidade social;
- Terceiro filtro: projetos finalizados, nesta ordem.

A proposta de se estudar apenas alguns casos resulta do entendimento de que se torna inviável, por limitações de tempo, compreender a fundo tais relações e sua extensão no contexto social, de um grande número de objetos de estudo. A escolha de projetos finalizados representa o cuidado em se obter objetos de estudo que apresentem panoramas sociais diferentes, ou seja, possíveis situações de resultados positivos oriundos da implementação destes projetos. Considerando estes critérios, pode-se afirmar que a amostra será escolhida de maneira intencional e não-probabilística. Segundo Patton (2002), o objetivo de uma amostra intencional é selecionar participantes que possam ser fontes de informações ricas para ajudar na iluminação das questões em estudo.

Em relação ao método de coleta de dados, a pesquisa utilizará informações obtidas por meio de:

- Documentos (registros dos projetos e relatórios finais de projetos);
- Entrevistas semiestruturadas com os coordenadores dos projetos selecionados;
- Entrevistas semiestruturadas com representantes/responsáveis pelos projetos nas localidades beneficiadas direta ou indiretamente pelos projetos.

Segundo Bertucci (2008), na entrevista semiestruturada é construído um roteiro básico para a entrevista, porém o pesquisador possui liberdade para introduzir, alterar ou eliminar questões, de acordo com as necessidades identificadas ao longo da entrevista. Assim, antes da coleta de dados, será elaborado um roteiro, sendo as perguntas abertas, possibilitando aos entrevistados se aprofundarem em alguns assuntos quando sentirem necessidade. Após a finalização da coleta dos dados, será realizado o aprofundamento da análise e interpretação do material coletado. Entretanto, conforme Laville e Dionne (1999, p.197), tal “análise e interpretação não são imediatamente possíveis”. Desse modo, anteriormente, os dados serão organizados, sendo transcritas as gravações realizadas, ordenadas e agrupadas em categorias de forma que se torne possível proceder às análises e interpretações que levarão às conclusões.

A análise das entrevistas será conduzida via Análise de Conteúdo, que é uma técnica para o tratamento de dados que visa identificar o que está sendo dito a respeito de determinado tema. “O ponto de partida da análise de conteúdo é a mensagem, seja ela verbal (oral ou escrita), gestual, silenciosa, figurativa, documental ou diretamente provocada. Necessariamente, ela expressa um significado e um sentido” (FRANCO, 2005, p.13). Esse entendimento se dá por um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos os objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens (VERGARA, 2005).

Serão utilizadas categorias, ou unidades de contexto, sempre respaldadas pelo referencial teórico do tema. Segundo Bardin (1977) a unidade de contexto serve como norte de compreensão, enquanto as unidades de registro, ou subcategorias, representam as mensagens dos entrevistados, cada uma relacionada à sua unidade de contexto, ou categoria. A categorização se baseará no método de categorização por grade fechada, onde não podem ser incluídas outras unidades de contextos a partir da análise. As unidades de contexto (categorias) serão eleitas a partir de temas, extraídos das questões formuladas para a entrevista.

A coleta de dados e posterior análise deste estudo foram construídas a partir de quatro etapas. Em primeiro lugar foi feita a pré-seleção dos projetos que seriam foco de estudo, em seguida foram coletados os primeiros dados destes projetos com os seus respectivos professores coordenadores; a partir desta entrevista prévia foram identificados os projetos que teriam atingido seus objetivos/resultados e ainda, que pudessem ser foco de formação de capital social e estes foram selecionados; a partir deste pequeno grupo de projetos selecionados foi realizada a coleta de dados *in loco* nas comunidades.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1. Pré-seleção de projetos de extensão da UFVJM

A primeira etapa deste estudo foi a pré-seleção dos projetos de extensão registrados junto à Pró-Reitoria de Extensão (PROEX) da UFVJM. Foi delimitado como intervalo de estudo os projetos iniciados e findados entre o período de janeiro de 2009 a julho de 2011. Foi necessária esta delimitação visto que, anteriormente a esta data a universidade não possuía registros uniformes dos seus projetos, e posteriormente a julho de 2011 seriam selecionados projetos que ainda não estariam finalizados, comprometendo a discussão.

Ao todo foram selecionados para a pré-análise 17 projetos de extensão que envolviam grupos ou comunidades, neste período. Deste total, dez projetos se originavam do campus em Diamantina e sete do Campus do Mucuri.

5.2. A UFVJM através das coordenações dos projetos

A partir da pré-seleção buscou-se junto à PROEX as informações dos coordenadores para agendamento de entrevista com os mesmos. Desses 17 coordenadores, foram entrevistados 11. Foram abordados os seguintes tópicos:

- Motivação para desenvolver o projeto;
- Motivação para a região ou grupo a ser trabalhado;
- Objetivos e contribuições do projeto.

Para a maior parte dos coordenadores entrevistados a motivação para a elaboração dos projetos nos temas escolhidos se deu principalmente pelo envolvimento dos mesmos com relação a essas áreas de estudo, em que alguns afirmaram ser uma área de interesse dos mesmos, e/ou já trazerem consigo alguma experiência de trabalho. No entanto, a iniciativa para o desenvolvimento do projeto nem sempre foi dos próprios coordenadores, havendo casos em que ela veio de discentes, como é o caso dos projetos desenvolvidos na cidade de Itinga - MG e no bairro Cidade Nova (Diamantina – MG), ou por demanda da própria entidade envolvida, como é o caso dos projetos desenvolvidos na entidade Amparo à Juventude para inserção rápida - AJIR (referente ao projeto Agroecologia e Educação Popular: Diálogo entre Saberes e práticas no Ambiente urbano), na COOPACTO e na Cooperativa dos Garimpeiros do Nordeste de Minas Gerais Ltda.

Percebeu-se também como motivação dos coordenadores a intenção de ajudar as pessoas das comunidades/entidades, sendo a maioria delas de origem simples, bem como contribuir com as políticas públicas a partir dos resultados de suas pesquisas, como é o caso do projeto que envolve o extrativismo vegetal. Leva-se em consideração também a influência da origem familiar na motivação para o desenvolvimento do projeto, como é o caso do coordenador do projeto relacionado às Escolas de Famílias Agrícolas – EFAs.

Com relação ao local escolhido para o desenvolvimento dos projetos percebeu-se que alguns coordenadores ao darem suas respostas, concordaram com o fato de que a Universidade deve intervir na região em que se encontra buscando contribuir para o seu desenvolvimento, e por isso a escolha de determinados locais.

O fato das comunidades/grupos escolhidos serem organizados, também contribuiu para a escolha dos mesmos. O entendimento destes coordenadores de que seria possível ajudar a comunidade envolvida de forma prática (como ensiná-los a manejar melhor a colheita de capim ou frutos secos, ou a forma de trabalhar com mais cooperativismo, ou a dificuldade em destinar o lixo) são fatores que também motivaram os entrevistados a se decidirem pelo local envolvido.

Pode-se afirmar ainda que, segundo os entrevistados, a escolha dessas comunidades também se deu pela possibilidade de aprendizagem de mão dupla entre Universidade e comunidade, pelo fato de se considerar o público interessante e ainda, por se aproveitar uma oportunidade de trabalho em andamento, como é o caso do projeto que envolve a cooperativa dos catadores de

material reciclável, em que a prefeitura da cidade, juntamente com a secretaria de meio ambiente, já estava se organizando para trabalhar com essa cooperativa.

Quanto aos objetivos, fica fácil de perceber que a maioria deles está diretamente relacionada à disseminação do conhecimento através de oficinas de formação com assuntos diferenciados conforme a área de estudo de cada projeto. Buscou-se também, segundo os coordenadores, produzir informações que estivessem a serviço das comunidades, bem como fazer um trabalho de conscientização em relação à existência e importância de assuntos específicos como: Arranjo Produtivo Local - APL e Unidade de Inovação Tecnológica - UNIT, e também de preservação do meio ambiente.

Com relação às contribuições do projeto, percebeu-se que na visão dos coordenadores, a maioria dos projetos teve algum bom resultado, envolvendo disseminação de conhecimento, proximidade entre a Universidade e a comunidade, surgimento de novas demandas como resultado de um bom trabalho, um bom diagnóstico, entre outros.

Notou-se, porém, que em alguns casos o projeto não atingiu ainda seus objetivos ou durante a sua implementação, necessitou de reformulação dos mesmos. Sendo assim, a próxima etapa deste estudo consiste em selecionar aqueles projetos que obtiveram resultados de trabalho. Este filtro se torna necessário, pois deseja-se estudar as questões de “Capital Social” nestes projetos, porém acredita-se que tais questões apenas se constroem em um grupo a partir de projetos que tenham trazido alguma modificação no mesmo.

Dos 11 projetos, foram escolhidos 6 para que se pudesse seguir com a pesquisa e conhecer o projeto sob o olhar das comunidades envolvidas. Conforme supracitado e justificado, a amostra foi escolhida de maneira intencional e não-probabilística.

Seguem aqueles projetos que foram escolhidos, bem como as contribuições deixadas por eles segundo seus coordenadores:

Projeto 01 - Construção participativa de Sistema Sustentável da Caprino-Ovinocultura do Município de Itinga-MG.

Segundo sua coordenadora, este projeto, que a princípio tinha o intuito de envolver 8 famílias, no fim de suas atividades contava com 16 famílias atingidas diretamente pelos trabalhos desenvolvidos; e esse número dobrou devido ao interesse das próprias famílias que pediram para fazer parte do projeto; em seu período de desenvolvimento apareceram também novas demandas vindas das próprias famílias o que levou à elaboração de um novo projeto, coordenado por um outro professor, voltado para apicultura.

Projeto 02 - Agroecologia e Educação Popular: Diálogo entre Saberes e práticas no Ambiente urbano.

Neste projeto, realizado com a entidade AJIR, a coordenadora cita como resultados positivos o treinamento dos rapazes envolvidos para utilizarem práticas agroecológicas; a boa influência da presença de um estudante da Universidade no meio desses jovens, que são de baixa renda e carentes, quebrando barreiras entre a UFVJM e a comunidade, e o fato de a entidade pedir continuidade do projeto, devido à rotatividade dos rapazes.

Projeto 03 - Contribuição ao Conhecimento do capim dourado (*Syngonanthus nitens*).

Com relação a este projeto, que envolveu uma comunidade que trabalha com o capim dourado, foi citado como contribuições o fato de hoje os moradores já terem conhecimento da melhor época de coleta, e de reconhecerem a importância da pesquisa e sua possível utilidade para as próprias comunidades.

Projeto 04 - Agroecologia, Agroextrativismo, Segurança Alimentar e Geração de renda em comunidades tradicionais da Serra do Espinhaço Meridional/Alto do Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais.

Este projeto foi realizado em comunidades tradicionais; segundo seu coordenador, o maior resultado tem sido os esclarecimentos sobre os direitos das mesmas; hoje há uma mobilização por parte delas para que esses direitos sejam garantidos; foi criada uma comissão regional das comunidades extrativistas; e as duas comunidades quilombolas envolvidas hoje obtêm a certidão da fundação Palmares e já foram ao INCRA reivindicar seus direitos.

Projeto 05 - EFA - A educação no campo como instrumento de envolvimento popular e desenvolvimento social no território do Vale do Mucuri.

Este projeto, envolvendo as escolas famílias agrícolas, trouxe como resultados as pessoas estarem se articulando nos seus municípios; há uma pressão sobre o poder público local; as comunidades estão criando suas identidades; estão construindo propostas e trazendo para si um olhar diferente da realidade em que vivem, conforme dito pelo coordenador.

Projeto 06 - Extrativismo Vegetal Regional: Conhecendo o empírico para divulgar o científico.

Com relação a este projeto, que envolveu comunidades que coletam frutos secos, foi dito que havia um envolvimento deles nos eventos relativos ao assunto que ocorrem na UFVJM; durante a execução dos trabalhos foram realizadas oficinas de formação quanto a assuntos como cooperativismo e associativismo, e atualmente existe uma associação entre os membros da comunidade; e eles já foram à prefeitura para buscar como construir um galpão para eles.

5.3. A UFVJM e as comunidades envolvidas

Foi elaborada uma entrevista específica destinada às comunidades atendidas pelos projetos escolhidos. Essa entrevista foi elaborada com base no Questionário Integrado para medir Capital Social – QI-MCS utilizado pelo Banco Mundial (2003). Ao aplicar as entrevistas percebeu-se que alguns projetos contemplavam mais de um grupo/comunidade (projeto 4 e 5, por exemplo). Por limitações de tempo e acesso, optou-se por entrevistar apenas um grupo/comunidade por projeto. A visita foi realizada por disponibilidade do grupo/comunidade e foi feita com um representante do grupo que participou da implementação do projeto, indicado pelos próprios coordenadores.

Segue os quadros abaixo com a análise de conteúdo realizada, relacionando os elementos indicativos de capital social e os relatos dos entrevistados nos grupos/comunidades em cada projeto. A entrevista se divide em seis categorias: Grupos e redes; Confiança e Solidariedade; Ação Coletiva e Cooperação; Informação e Comunicação; Coesão e Inclusão Social; e Autoridade ou capacitação e Ação Política.

Quadro 1 – Entrevista com grupo/comunidade

Projeto 1 - Construção participativa de Sistemas Sustentável da Caprino-Ovinocultura do Município de Itinga – Município de Itinga-MG.	
Dimensões da entrevista	Relatos
Grupos e Redes	Participação de todos; associação; administração coletiva; crescimento do grupo; grupo em prol do objetivo; há relação de parentesco entre eles; criaram-se amizades; melhoria no trabalho.
Confiança e Solidariedade	Trabalho em mutirão; confiança entre famílias; famílias mais participativas.
Ação Coletiva e Cooperação	Ajudam-se mutuamente; cobrança sobre quem atrasa sua tarefa; pessoas não se ancoram em outras; encontros para formação.
Informação e Comunicação	Acesso de informação sobre o projeto por todos.
Coesão e Inclusão Social	Pouca diversidade pessoal e social; diálogo como resolução de conflito; relação de vizinhança, com convivência e diálogo.
Autoridade ou capacitação (<i>Empowerment</i>) e Ação Política	Assembleia para tomada de decisão; renovação de diretoria periódica; governo local não participativo implanta projetos sem consultar a comunidade.

Fonte: Dados da pesquisa, 2011-2012.

Após a análise dos relatos da entrevista na comunidade atendida pelo projeto 1 percebeu-se que esta comunidade apresentou elementos positivos para a formação de “Capital Social”. Como visto acima, quase todos os elementos estudados apresentaram-se positivos. No que diz respeito à “Informação e Comunicação”, pôde-se perceber que todos tiveram acesso aos propósitos do projeto, no entanto não ficou claro na entrevista como é o acesso deles às informações; e quanto à “Ação

Política”, não se direciona positivamente para a formação de capital social neste grupo. Por fim, quando perguntado sobre as expectativas iniciais das famílias envolvidas e se estas foram ou não atendidas, o entrevistado respondeu de forma positiva, exemplificando um dos fatos ocorridos recentemente, em que no período da seca, as famílias não perderam nenhum animal, visto que obtiveram o conhecimento a respeito da alimentação necessária para estes, através de oficinas ministradas pela equipe da universidade.

Quadro 2 – Entrevista com grupo/comunidade

Projeto 2 - Agroecologia e Educação Popular: Diálogo entre Saberes e práticas no Ambiente urbano – Entidade AJIR em Diamantina – MG.	
Dimensões da entrevista	Relatos
Grupos e Redes	Grupos para realizar tarefas; parceria entre UFVJM e AJIR; bom relacionamento entre integrantes; atenção especial do grupo para contribuições externas.
Confiança e Solidariedade	Grupo aberto para a participação da Universidade; amizades entre integrantes.
Ação Coletiva e Cooperação	Realizam atividades conjuntamente; obrigação em seguir algumas regras da instituição elaboradas em conjunto; e advertência para quem não cumpre.
Informação e Comunicação	Todos têm acesso à informação: livros, televisão e internet; conhecem o que acontece na entidade.
Coesão e Inclusão Social	Integrantes advindos de comunidades diferentes; período de adaptação; diferenças como riqueza para o grupo; momentos de confraternização; regras sobre conflitos.
Autoridade ou capacitação (Empowerment) e Ação Política	Decisões ora democráticas ora hierárquicas; reuniões de assembléia; momentos para auto-avaliação e avaliação coletiva de comportamento; a prefeitura local se envolve financeiramente com a comunidade; relação de parceria entre UFVJM e entidade.

Fonte: Dados da pesquisa, 2011-2012.

Após análise do projeto 2, pode-se notar que também nessa entidade os elementos que indicam a formação de Capital Social estão positivamente presentes. A AJIR é um projeto da Sociedade protetora da infância e foi criado com a finalidade de amparar jovens em situação de risco psicossocial visando sua reinserção na sociedade, como é possível ler no folder concedido pela entidade. É como que uma escola que prepara seus alunos, rapazes entre 14 e 18 anos, para a vida e mercado de trabalho; dessa maneira, possui uma metodologia própria de ensino, onde inclui regras a serem seguidas e advertências a serem dadas caso necessário. Sua maneira de conduzir seus trabalhos enfatiza a presença dos elementos do capital social, visto que os integrantes são divididos em grupos quando há rodízio de tarefas a serem cumpridas, há uma boa relação entre os alunos, e os educadores se mostram abertos, gerando uma relação de confiança entre os membros da entidade; todos tem acesso á informação, o que pode ser facilitado por estar dentro da cidade, e o fato de os integrantes às vezes estarem empregados como estagiários em alguma empresa; a convivência cria uma relação de amizade e existem reuniões para momentos de informação, votação, entre outros.

É importante ressaltar que se criou uma relação de parceria entre a UFVJM e a AJIR, os integrantes estão abertos a ouvir o que a Universidade tem a ensinar, o que pode gerar uma influência positiva, como acredita a coordenadora do projeto.

Quadro 3 – Entrevista com grupo/comunidade

Projeto 3 - Contribuição ao conhecimento do capim dourado (Syngonanthusnitens) – Comunidade Raízes em Presidente Kubistchek.	
Dimensões da entrevista	Relatos
Grupos e Redes	Nem todos se mostraram participativos; todos que querem trabalhar o fazem conjuntamente.
Confiança e Solidariedade	Poucas pessoas mostraram disposição; a visão que o projeto apresentou à comunidade deu mais confiança.
Ação Coletiva e Cooperação	Comunidade unida para ajudar; quem trabalha se sente chateado pelos que não mostram disposição; em conjunto plantam e fazem artesanato.
Informação e Comunicação	A maioria tem acesso às informações, como telefone e televisão; religião inibe acesso a algumas informações.
Coesão e Inclusão Social	Acesso a médico, assistente social, transporte escolar; Questões políticas causam desentendimentos; não há iniciativa para resolver desentendimentos; existem reuniões informais.
Autoridade ou capacitação (Empowerment) e Ação Política	Reunião para tomada de decisão; associação em que a maioria participa.

Fonte: Dados da pesquisa, 2011- 2012.

Com relação ao projeto 3, pode-se ver que há uma certa dificuldade quanto a categoria “Ação Coletiva e Cooperação”, no que diz respeito ao fato de que uns se mostraram mais dispostos do que outros quanto às ações do projeto, o que provoca uma certa chateação por parte destes. No entanto, quando o assunto, nessa mesma categoria, diz respeito a ajudar uns aos outros no dia a dia, a entrevistada afirma, em outras palavras, que todos são muito unidos e amigos para ajudarem uns aos outros caso precisem, como quando um fica doente, por exemplo. Percebe-se também que nem todos tem acesso à todo tipo de informação, pois a religião de alguns não permite o acesso à televisão por exemplo. Durante a entrevista foi falado também que no início ninguém acreditou que a ideia do projeto ia dar certo, mas agora veem que está tendo um bom resultado. Essa desconfiança se dá, pelo fato de os moradores nunca terem cogitado a ideia de que um dia podiam ter problemas com relação ao capim.

Apesar dessas dificuldades, a comunidade também apresenta pontos positivos com relação aos elementos que indicam a formação de Capital Social.

Quadro 4 – Entrevista com grupo/comunidade.

Projeto 4 - Agroecologia, Agroextrativismo, Segurança Alimentar e Geração de renda em comunidades tradicionais da Serra do Espinhaço Meridional/Alto do Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais – Comunidade de Macacos em Diamantina – MG.	
Dimensões da entrevista	Relatos
Grupos e Redes	Criação de comissão em defesa dos direitos das comunidades extrativistas, em que membros da comunidade participaram; aproximação com autoridades; intercâmbios com outras comunidades; oficinas de formação; a maioria da comunidade interessada.
Confiança e Solidariedade	Parque de preservação criado gera conflitos; confiança entre a maioria; universidade trouxe mais confiança.
Ação Coletiva e Cooperação	Preocupação por uma parte da comunidade com relação àqueles que trabalham no parque; daqueles que não trabalham no parque, todos mostram disposição.
Informação e Comunicação	Todos tiveram acesso às informações do projeto; não têm telefone. A maioria possui televisor.
Coesão e Inclusão Social	Não tem acesso à escola, inviabilizando a permanência das crianças e dos jovens como moradores; dificuldades com transporte e com saúde.
Autoridade ou capacitação (Empowerment) e Ação Política	Decisões são tomadas nas reuniões; esquecida pelas autoridades.

Fonte: Dados da pesquisa, 2011 - 2012.

O projeto 4 envolve seis comunidades, algumas de forma mais intensa do que outras, no entanto, como explicado anteriormente, escolheu-se apenas uma para este estudo.

Dessa maneira, ao observar os dados obtidos na comunidade escolhida, percebeu-se algumas dificuldades enfrentadas, que podem prejudicar a formação de Capital Social. Com relação à confiança (que além de ser um elemento por si só analisado, é também resultado da presença de outros elementos), esta existe entre a maioria das famílias que residem neste local, no entanto pelo fato da criação de um parque de preservação, que tem trazido muitos problemas para a comunidade, e por ter gente da própria comunidade que trabalha nesse parque, toda essa situação faz com que a comunidade fique dividida.

Outra dificuldade diz respeito à “Ação Política”, visto que os membros se sentem “esquecidos” pelo poder local, não têm acesso à saúde, transporte, as crianças e os jovens ficam inviabilizados de morar lá por causa dos estudos; e a comunidade não tem telefone.

Apesar de tudo, pode-se dizer que mesmo havendo essas dificuldades, os moradores se mostraram dispostos e interessados com a contribuição da Universidade, esta lhes trouxe mais confiança, e o conhecimento de seus direitos.

Quadro 5 – Entrevista com grupo/comunidade

Projeto 5 - EFA - A educação no campo como instrumento de envolvimento popular e desenvolvimento social no território do Vale do Mucuri – Cidade de Ladainha – MG.
O projeto relacionado à EFA é uma iniciativa da Universidade em ajudar em um projeto do governo que já havia começado anteriormente. Sendo assim, após a leitura da entrevista transcrita, ficou difícil de separar o que estava relacionado ao projeto da Universidade e o que já vinha acontecendo antes dela interferir, impossibilitando perceber de forma clara a real contribuição da Universidade, nessa comunidade.

Quadro 6 – Entrevista com grupo/comunidade

Projeto 6 – Extrativismo vegetal regional: conhecendo o empírico para divulgar o científico– Comunidade de Rodeador - Monjolos – MG.
Não foi possível o contato com esta localidade/comunidade para a realização da entrevista, inviabilizando a coleta dos dados e a análise deste projeto.

5.4. Indicativo de Capital Social

Com base nessa série de características coletadas dos Projetos e da relação dos mesmos com as comunidades atendidas, partiu-se para uma discussão individual daqueles elementos indicativos de Capital Social, como segue:

Grupos e Redes

Essas relações sociais se dão a todo o momento entre os membros das comunidades visitadas e pode-se perceber o quanto são importantes para um convívio mais positivo entre eles. Fazendo uma análise conjunta, percebeu-se que essa temática é abordada pelos coordenadores em geral quando se trata da situação final encontrada, após a implementação dos projetos, em que foram construídas redes de relacionamento entre a Universidade e as comunidades, bem como outros contatos que estas passaram a ter por influência daquela. Por outro lado, analisando as entrevistas das comunidades, percebe-se que é muito comum trabalharem todos em conjunto, três dos quatro projetos mostraram que a grande maioria de seus membros é sempre muito participativa, e há ainda certa relação de amizade entre todos.

Confiança e Solidariedade

Quanto a essa temática, pode-se associá-la à fala dos coordenadores em todas as vezes que estes ressaltaram o fato da Universidade ter buscado contribuir com as comunidades envolvidas

tentando ajudá-las, seja quanto ao esclarecimento de seus direitos, às oficinas de formação ou quanto à importância da pesquisa. Os coordenadores afirmam ter obtido algum retorno, exemplificando via aumento na demanda de pessoas interessadas no projeto ou pedido de continuidade com os trabalhos, ou ainda no reconhecimento da importância da pesquisa ou no rompimento de barreiras. Contudo, o retorno destes projetos é apontado pelos coordenadores quando perceberam que as pessoas envolvidas nas atividades promovidas por eles se mostraram confiantes e abertas à intervenção de seus trabalhos.

Por outro ângulo, na opinião da comunidade, pode-se perceber pelas entrevistas que em geral a Universidade trouxe a essas comunidades mais confiança para seguirem com seus trabalhos ou lutarem pelos seus direitos; e que o conhecimento adquirido por meio das ações dos projetos tem sido um dos motivos para isso. Em todos os projetos já é dito que existe entre os membros uma confiança mútua, apesar das dificuldades, principalmente em duas das comunidades envolvidas.

Acredita-se que com o aumento da confiança trazida pela Universidade aumentou-se também o nível de cooperação entre os membros dos locais envolvidos, o que ocasionou um melhor aproveitamento dos recursos que eles possuem, confirmando o que Putnam (2006) afirma sobre a relação direta entre o nível de confiança e o grau de cooperação.

Ação Coletiva e Cooperação

Essa temática não se separa muito da questão abordada anteriormente, quando se trata de confiança, visto que, como foi indicado, quanto maior a confiança, maior o nível de cooperação. Sendo assim, ao analisar as respostas dos coordenadores, deparou-se com a satisfação por parte deles em perceber que essas comunidades tem se mostrado ativas quanto ao conhecimento repassado pela Universidade, e estão, cada uma conforme sua realidade, buscando agir em cima daquilo que tem aprendido.

Dessa forma, ao analisar as entrevistas nas comunidades, percebeu-se que aquelas envolvidas em 3 dos 4 projetos não possuem regras escritas, no entanto também não há muita diversidade entre os integrantes, o que permite supor que o tempo de convivência e a tradição dessas famílias fez com que certos valores e maneiras de agir se tornassem comuns a todos. Como já mencionado, essas normas fortalecem a confiança social, visando reduzir os custos de transação e facilitar a cooperação.

Mesmo na AJIR, em que existem regras que devem ser seguidas, mesmo pela própria metodologia de ensino, as regras não são simplesmente impostas, elas podem ser votadas nas reuniões de assembleia, e levando em conta que há uma rotatividade de alunos, nada impede que essas regras sejam renovadas conforme a visão de mundo desses alunos, condicionando novos comportamentos.

Levando-se em conta essas afirmações entende-se que, no que diz respeito às normas, a Universidade não teve muita influência, visto que já é algo da própria comunidade, no entanto, a partir do momento que a cooperação também é fruto do aumento da confiança, como dito anteriormente, a UFVJM pode ter contribuído para um resultado positivo a partir de seus trabalhos.

Informação e Comunicação

Como já visto, o conhecimento tem sido a melhor contribuição deixada pela Universidade, pois junto dele caminham informações importantes para a realidade em que as comunidades vivem, e, conseqüentemente, a ação em busca de melhorias.

Dessa maneira, entende-se que a Universidade tem dado um passo em prol dessas comunidades no que diz respeito a essa temática, e sendo “Informação e Comunicação” uma questão importante para a medição do capital social, a UFVJM tem contribuído, para um melhoramento nesse quesito.

5.4.5. Coesão e Inclusão Social

Com relação ao que foi exposto pelos coordenadores, fica difícil associar alguma de suas respostas a essa temática; por outro lado, quando feitas as perguntas relacionadas a esse tema nas comunidades, pode-se obter respostas diferentes, conforme as realidades encontradas.

Na entrevista relacionada ao projeto 2, apesar de os integrantes serem todos oriundos de famílias mais carentes, eles surgem de origens diferentes; no entanto a maneira de gerenciar os conflitos é pelo diálogo e pelas normas/regras pré-estabelecidas. Nos demais projetos, não há muita diversidade entre as famílias.

Levando-se em conta que a coesão social é essencial para que as sociedades prosperem economicamente e se desenvolvam sustentavelmente, não se pode dizer que em todas as comunidades estudadas essa coesão seja nítida, visto que no projeto 4 foi colocado pela entrevistada que a comunidade tem dificuldades com questões essenciais como transporte, saúde e educação.

Promover diretamente essa coesão não está nas mãos da Universidade, no entanto acredita-se que a partir do momento em que ela busca levar o conhecimento e a técnica e muitas vezes contatos específicos para esses locais ao desempenhar seus trabalhos, conseqüentemente, ela traz também uma contribuição para essa questão.

Autoridade ou capacitação (Empowerment) e Ação Política

Na exposição dos coordenadores, esta questão está presente quando alguns deles abordam, de forma indireta, as reações das comunidades aos trabalhos realizados, no que diz respeito a reunião para discutirem ou decidirem algo de seu interesse. Já nas entrevistas com os representantes das comunidades, pode-se perceber que em todas elas há momentos para que seus membros possam se reunir e votar em assuntos de seus interesses. Com exceção do projeto 2, em que há decisões que cabem aos educadores, em todas as outras comunidades as decisões são tomadas pela escolha da maioria; o que permite acreditar que, no que tange à autoridade ou tomada de decisões para medir o capital social, todas elas respondem de forma positiva a essa questão; o que não se pode dizer o mesmo quando se diz respeito à ação política, em que 2 das comunidades envolvidas pelos projetos não tem apoio do poder local.

5.5. Relações Institucionais e Desenvolvimento Regional

Como defendido por Goebel e Miura (2004), a universidade em seu papel de ensino, pesquisa e extensão contribui para o desenvolvimento econômico social dando suporte científico e tecnológico, além de ser um dinamizador do crescimento e desenvolvimento das regiões onde estão instaladas. Tem ainda um importante papel nas mudanças socioeconômicas gerando desenvolvimento econômico, cultural e social, buscando através de suas atividades básicas identificar as necessidades de formação acadêmica vinculadas à necessidade da sociedade de desenvolvimento dos setores produtivos.

Dos elementos de capital social, analisados anteriormente, percebeu-se fortemente que a UFVJM tem colaborado para a divulgação de conhecimento e informação, trazendo mais confiança às pessoas envolvidas, que com a participação da Universidade tem lutado pelos seus direitos e encontrado soluções para dificuldades enfrentadas, bem como encontrado formas melhores para desenvolverem seus trabalhos, que tem grande influência na sobrevivência dos moradores das comunidades envolvidas.

Percebeu-se ainda que os elementos do capital social identificados nas comunidades, em grande parte, já provêm da própria vivência das mesmas, e que em alguns momentos ficou difícil de identificar pelas entrevistas, os pontos objetivos que a universidade possa ter contribuído para estes elementos.

Ao fim desse trabalho, acredita-se que a UFVJM, por meio de seus projetos de extensão tem trazido em geral contribuições positivas para as comunidades em que tem se envolvido, e conseqüentemente para o desenvolvimento econômico regional, melhorando, direta ou indiretamente, as oportunidades de alavancar renda e qualidade de vidas das comunidades.

REFERÊNCIAS

- BAQUERO, Marcello. **Construindo uma outra sociedade: o capital social na estruturação de uma cultura política participativa no Brasil**. Revista de Sociologia e Política, Curitiba, n.21, p.83-108, nov/2003.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Trad. Luis Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BERTUCCI, J. L. de O. **Metodologia Básica para Elaboração de Trabalhos de Conclusão de Cursos**. São Paulo: Atlas, 2008.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**, de 05 de outubro de 1988.
- BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. 1996
- BUENO, Newton Paulo. **Lógica da Ação Coletiva, Instituições e Crescimento Econômico: Uma Resenha Temática sobre a Nova Economia Institucional**. Revista Economia, Brasília (DF), v.5, n.2, p.343-402, jun/dez, 2004.
- CARVALHO, Célia Christina Silva. **Universidade como agente de desenvolvimento local: um estudo do papel da Universidade Estadual de Feira de Santana nos municípios de Amélia Rodrigues e Santo Estêvão de 2003 a 2007**. Dissertação de Mestrado, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2008.
- DEMO, Pedro. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Editora Atlas, 2000.
- DIAMANTINA, **Estatuto Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri**, de 04 de setembro de 2009.
- ETZKOWITZ, H. **Innovation in innovation: the Triple Helix of university-industry-government relations**. Social Science Information, vol. 42 (3). 2003.
- FERNANDES, Ruben Gabriel Teixeira. **Impactos Locais e Regionais da Universidade do Porto**. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Economia da Universidade do Porto, Portugal, 2010.
- FRANCO, M. L. P. B. **Análise de Conteúdo**. 2ª Ed. Brasília: Líber Livro Editora, 2005.
- GOEBEL, Márcio Alberto; MIURA, Márcio Nakayama. **A Universidade como um fator de desenvolvimento: o caso do município de Toledo-PR**. Revista Expectativa, v.3, n.3, 2004.
- GROOTAERT, Christiaan; NARAYAN, Deepa; JONES, Veronica N.; WOOLCOCK, Michael. **Questionário Integrado para medir Capital Social (QI – MCS)**. Banco Mundial, 23 de junho, 2003.
- LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda.; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.
- MARCONI, Marina; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- MILANI, Carlos. **Teorias do Capital Social e Desenvolvimento Local: lições a partir da experiência de Pintadas (Bahia, Brasil)**. IV Conferencia Regional ISTR-LAC. San José, Costa Rica, 8-10/out, 2003.
- MINISTÉRIO DA INTEGRAÇÃO NACIONAL. **Programa de Sustentabilidade de Espaços Sub-regionais – PROMESO: Mesorregião do Vale do Jequitinhonha e do Mucuri**. Disponível em: http://www.integracao.gov.br/programas/programasregionais/index.asp?area=spr_mes_mucuri
Acesso em: 30 set. 2011.
- PATTON, M. **Qualitative research and evaluation methods**. 3 ed. Thousand Oaks: Sage, 2002.
- PENA JUNIOR, Marcos Antonio Gomes; GRACIANO, Claudia Gomes; VÁLERY, Françoise Dominique. **Universidade e Desenvolvimento local: reflexões sobre pró-atividade comunitária**. XXV Encontro Nacional de Eng. de Produção, Porto Alegre, RS, 29 de out a 01 de nov, 2005.
- PUTNAM, Robert D. **Comunidade e Democracia: a experiência da Itália moderna**. 5ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- SILVA, Carlos Alberto Figueiredo da; TERRA, Branca Regina Cantisano; VOTRE, Sebastião Josué. **O modelo Hélice Tríplice e o papel da educação física, do esporte e do lazer no**

desenvolvimento local. Revista Brasileira Ciências Esporte, Campinas, v. 28, n. 1, p. 167-183, set. 2006.

TARTARUGA, Iván G. Peyré. **As inovações nos territórios e o papel das universidades: notas preliminares para o desenvolvimento territorial no Estado do Rio Grande do Sul.** Texto para discussão n.81.Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser, Porto Alegre, set/2010.

VALENTIM, Rosa de Fátima. **O capital social como um dos elementos que compõem a dinâmica do desenvolvimento regional.** Recife, V Encontro de Economistas da Língua Portuguesa, 5-7 de novembro de 2003.

VERGARA, S. C. **Métodos de Pesquisa em Administração.** São Paulo: Atlas, 2005.

UFVJM. **Portal Ufvjm.** Disponível em: <http://www.ufvjm.edu.br/>> Acesso em: 14 set. 2011.